

AS REPRESENTAÇÕES DE MENINAS NEGRAS NOS LIVROS “AMORAS” E “MEU CRESPO É DE RAINHA”

THE REPRESENTATIONS OF BLACK GIRLS IN THE BOOKS “MULBERRIES”
(‘AMORAS’) AND “HAPPY TO BE HAPPY” (‘MEU CRESPO É DE RAINHA’)

Marta Regina Paulo da Silva¹

<https://orcid.org/0000-0002-8574-760X>

Ana Carolina Bresciani Valverde²

<https://orcid.org/0000-0003-0534-7380>

Nicolli Lima Luiz³

<https://orcid.org/0009-0000-2413-8993>

Resumo:

Este artigo apresenta os resultados de um estudo cujo objetivo foi analisar as representações de meninas negras em livros de literatura africana e afro-brasileira trabalhados na Educação Infantil⁴. A investigação dá continuidade ao projeto “A menina negra na literatura infantil afro-brasileira”, realizado em 2021-2022, aprofundando a análise de obras literárias com vistas a compreender como tais representações contribuem para o fortalecimento de uma imagem positiva da menina negra, desafiando os estereótipos e preconceitos historicamente presentes na literatura infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que adotou, como método, a análise das representações de meninas negras nos livros “Amoras”, de Emicida, e “Meu crespo é de rainha”, de bell hooks⁵. O referencial teórico fundamenta-se nos estudos sociais da infância e das relações étnico-raciais. Os resultados mostram que as publicações analisadas oferecem representações positivas das meninas negras, desafiando os estereótipos negativos frequentemente perpetuados na literatura infantil. As personagens destacam-se por valorizar a identidade negra, promover a autoaceitação e fomentar o empoderamento, criando narrativas que estimulam a autoestima e celebram a diversidade. Os achados também apontam que a inserção de elementos da cultura africana e afro-brasileira bem como a valorização da ancestralidade contribuem para práticas educativas inclusivas e antirracistas. Assim, conclui-se que dar visibilidade à literatura africana e afro-brasileira na

¹ Doutora em Educação pela Unicamp. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil.

² Mestre em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil.

³ Estudante do Colégio Universitário USCS. Bolsista Pibic-CNPq, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil.

⁴ A pesquisa foi realizada com apoio do Pibic-CNPq.

⁵ A escolha de não utilizar as iniciais maiúsculas foi feita pela própria autora. Segundo ela, a grafia em caixa baixa funciona como gesto de distanciamento em relação ao “ego”, deslocando o foco da figura da escritora para a substância de suas ideias.

educação das crianças pequenas é um passo fundamental no enfrentamento do racismo, do sexismo e do adultocentrismo, questões ainda profundamente enraizadas na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Educação Infantil. Educação Antirracista. Empoderamento Feminino.

Abstract:

This article presents the results of a study whose aim was to analyze the representations of Black girls in African and Afro-Brazilian literature books used in Early Childhood Education. The investigation gives continuity to the project “The Black girl in Afro-Brazilian children’s literature”, carried out between 2021-2022, deepening the analysis of literary works so as to understand how such representations contribute to the strengthening of a positive image of the Black girl, challenging stereotypes and prejudice historically present in children’s literature. It deals with qualitative research which adopted, as a method, the analysis of the representations of Black girls in the books “Mulberries” (*‘Amoras’*), by Emicida, and “Happy to be happy” (*‘Meu crespo é de rainha’*), by bell hooks⁶. The theoretical reference is based on the social studies of childhood and of the ethnic-racial relations. The results show that the publications analyzed offer positive representations of Black girls, challenging negative stereotypes frequently perpetuated in children’s literature. The characters stand out for cherishing the Black identity, promoting self-acceptance and fostering empowerment, creating narratives that stimulate self-esteem and celebrate diversity. The findings also point out that the insertion of African and Afro-Brazilian elements as well as ancestry cherishing contribute to inclusive and antiracist educational practices. Therefore, it is concluded that giving visibility to African and Afro-Brazilian literature in the education of small children is a major step in the confrontation of racism, sexism and adultcentrism, issues still deeply rooted in the Brazilian society.

Key-words: Children’s literature. Early Childhood Education. Antiracist Education. Women empowerment.

INTRODUÇÃO

Desde o Período Colonial, marcado pela escravização e exploração dos povos africanos e afro-brasileiros, o Brasil manteve uma postura legal, social, cultural, política e econômica ativa e permissiva em relação à discriminação e ao racismo que afetam os(as) negros(as) até os dias atuais, resultando na desumanização e inferiorização de suas identidades. Após a promulgação da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), o país iniciou um processo de busca pela consolidação de um Estado democrático de direito, com foco na cidadania e na dignidade da pessoa humana. Nesse contexto, os debates impulsionados pelos movimentos sociais — especialmente o Movimento Negro — sobre questões raciais e igualdade passaram a ganhar espaço no território nacional, devido à urgência em combater uma realidade marcada por posturas subjetivas e objetivas de preconceito, racismo e discriminação aos(às) afrodescendentes (Brasil, 2004).

⁶ The choice of not using the capital initials was made by the author herself. According to her, the spelling in lowercase works as a gesture of detachment in relation to “ego”, shifting the writer’s focus to her ideas’ substance.

Contudo, embora se observem avanços direcionados à garantia de direitos, o cotidiano ainda revela um enorme abismo de desigualdade social, política e econômica entre brancos(as) e negros(as).

Nesse cenário, a educação desempenha papel fundamental na luta contra todas as formas de discriminação, com vistas à construção de uma sociedade com justiça social e cognitiva. Entretanto, romper com estereótipos, discriminações e preconceitos no cotidiano das instituições educacionais ainda representa um grande desafio. No caso da Educação Infantil, ele se torna ainda mais complexo.

Uma das estratégias adotadas para combater o racismo nas creches e pré-escolas tem sido o trabalho com a literatura infantil, a fim de “desestereotipar” a imagem de cidadãos e cidadãs negros(as), contribuindo para a formação ética desde a infância. A pesquisa “A menina negra na literatura infantil afro-brasileira”, realizada em 2021-2022 no âmbito da iniciação científica no Ensino Médio, revelou que a literatura africana e afro-brasileira ainda é pouco trabalhada na Educação Infantil. Além disso, o livro mais utilizado pelas docentes no trabalho com as crianças, “Menina bonita do laço de fita” (Machado, 2008), apresenta resquícios de uma perspectiva eurocêntrica, evidenciando a necessidade urgente de discutir essa temática nas instituições.

Assim, deu-se continuidade ao estudo realizado em 2021-2022, analisando as obras mais trabalhadas pelas professoras na Educação Infantil. A pergunta orientadora foi: Como as meninas negras são representadas na literatura infantil africana e afro-brasileira que vem sendo trabalhada com as crianças pequenas na Educação Infantil? O objetivo foi analisar as representações de meninas negras na literatura infantil africana e afro-brasileira, a fim de compreender sua contribuição para o fortalecimento de uma imagem positiva da menina negra. Optou-se por uma abordagem qualitativa, lançando-se mão da análise das representações de meninas negras presentes nos livros “Amoras” (Emicida, 2018) e “Meu crespo é de rainha” (bell hooks, 2018). O referencial teórico baseou-se nos estudos sociais da infância e das relações étnico-raciais.

Para apresentar os resultados dessa investigação, no presente artigo, inicialmente discutimos a relevância da literatura africana e afro-brasileira na educação da criança pequena. Em seguida, apresentamos o percurso metodológico e a análise das representações de meninas negras nos livros “Amoras” e “Meu Crespo é de Rainha”. Esperamos, por meio desse estudo, dar visibilidade à importância da literatura africana e afro-brasileira na educação das crianças pequenas, além de contribuir para o enfrentamento do racismo, do sexismo e do adultocentrismo ainda presentes na sociedade brasileira.

LITERATURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS

A literatura, conforme Antônio Candido (2006, p. 174), pode ser entendida como uma “[...] manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” e se insere como elemento fundamental na vida cotidiana das mais diversas sociedades e culturas. Ela não apenas possibilita o autoconhecimento, mas também promove a construção da autoimagem e das nossas referências identitárias. Ademais, convida o(a) leitor(a) a investigar os elementos que o tornam singular e plural, como paixões, medos, desejos, saberes, angústias etc. (Santos, 2019). Ao proporcionar uma reconfiguração do viver e despertar o exercício da reflexão, a aquisição de conhecimento e a

percepção da complexidade do mundo, a literatura exerce uma capacidade transformadora, que pode confirmar, negar, denunciar, apoiar e combater, contribuindo de forma significativa para o processo de humanização (Candido, 2011; Debus, 2018).

Como discurso cultural, ela é vital a qualquer povo, pois traduz seus saberes, culturas, linguagens, costumes e valores, refletindo seus modos de ser e estar no mundo. Do mesmo modo, viabiliza a transição entre o mundo real e simbólico, funcionando como ponte entre as vivências concretas e as representações imaginárias. Nesse sentido, assume a forma expressiva que permite à sociedade se manifestar conforme as características de sua época e contexto sociocultural (Zinani; Santos, 2010).

Logo, ao apresentar diferentes universos artísticos e culturais, a literatura africana e afro-brasileira oferece uma oportunidade ímpar de restabelecer as representações das diferenças, tanto dentro quanto fora do ambiente educacional. A educação, enquanto arena sociocultural, se caracteriza por múltiplos encontros e desencontros culturais (Debus, 2007; Reis, 2017; Silva, 2023). Contudo, as produções literárias brasileiras, ao longo de sua história, têm sido marcadas pela inferiorização, estereotipação e negação das ancestralidades e identidades negras.

O problema se torna ainda mais evidente na literatura infantil. Frequentemente, a narrativa infantil carece de representações adequadas e justas de negras e negros, recorrendo a imagens estereotipadas que reforçam noções preconceituosas de gênero, etnicidade e idade. Essas representações posicionam as personagens negras em lugares subalternos, minimizando sua importância social e perpetuando a ideia de que pertencem a funções de menor relevância.

Vale lembrar que as imagens estereotipadas visam a naturalizar características de um grupo específico, limitando suas identidades e demarcando seus lugares na sociedade. É fundamental ressaltar que a sociedade brasileira historicamente se projetou como branca, o que contribui para a marginalização das vozes e experiências negras. O ideal de branquitude se consolida como norma inquestionável, refletindo-se igualmente na literatura infantil. Dessa forma, ela reproduz e reforça um modelo cultural que exclui ou distorce as identidades negras, evidenciando a urgência de uma revisão crítica dessas representações nas produções literárias contemporâneas. De acordo com Edmacy Quirina Souza (2016, p. 112),

A produção clássica de literatura infantil, por exemplo, oferece milhares de situações com idealizações de tipos físicos e culturais que dimensionam um príncipe e uma princesa ideal. Essa criação iconográfica e estética das imagens mostram os traços e a cor que encarnam a beleza padrão, o corpo padrão, uma concepção estética de beleza. O ideal de beleza tido como universal (Branca de Neve, Cinderela) ressalta os aspectos físicos da raça ariana. A criança, nessa perspectiva, vai sendo doutrinação sob a consagração e a importância da brancura, enquanto a pele escura é confundida com falta de dignidade e de bravura.

Para Maria Aparecida da Silva Bento (2002, p. 48), a “[...] branquitude é o reconhecimento de que raça, como um jogo de valores, experiências vividas e identificações afetivas, define a sociedade. Já a raça é uma condição de indivíduo e é a identidade que faz aparecer, mais do que qualquer outra, a desigualdade humana”. Nesse sentido, a internalização da hegemonia branca formata as identidades de negros(as) e não negros(as) e intensifica as desigualdades sociais.

Tal fenômeno é particularmente presente na Educação Infantil, na qual, muitas vezes, a estrutura e os processos pedagógicos refletem e reforçam os padrões raciais dominantes. A organização do tempo, do espaço e das materialidades dentro das instituições educacionais pode contribuir para a perpetuação dessas desigualdades, tornando urgente problematizar o que é oferecido às crianças no interior das creches e pré-escolas. É imprescindível que as práticas pedagógicas sejam revisadas no intuito de promover a igualdade, a valorização da diversidade e o reconhecimento da identidade de crianças negras, de modo a combater os efeitos da branquitude na formação dessas crianças desde a infância.

No que tange à construção identitária das crianças, é fundamental considerar também as questões de gênero, dada a persistência do patriarcado em nossa sociedade, estruturalmente machista e homofóbica. Neste trabalho, gênero é compreendido como “[...] elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, [...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86). Trata-se, portanto, de uma construção social estabelecida pelas sociedades dentro de um determinado contexto histórico, definindo os papéis atribuídos a homens e mulheres.

Em uma sociedade profundamente marcada pelo machismo, como a brasileira, os corpos são vigiados e normatizados desde o nascimento, na tentativa de enquadrá-los em padrões dominantes que determinam o que significa ser homem ou mulher, negro ou negra, e como cada um(a) deve comportar-se. Diante desse cenário, torna-se impreterível problematizar as relações de poder que subjagam e oprimem mulheres e pessoas negras, o que exige um olhar interseccional para a compreensão e o enfrentamento dessas dinâmicas de exclusão.

Na pesquisa aqui apresentada, procuramos analisar a representação de meninas negras na literatura infantil a partir de uma perspectiva interseccional, considerando os marcadores sociais de gênero, raça e idade. A inclusão da categoria “idade” nessa análise se justifica pelo fato de que as crianças historicamente são submetidas a tais formas de opressão em uma sociedade adultocêntrica.

A literatura ocupa lugar central no cotidiano das creches e pré-escolas, constituindo uma atividade diária com as crianças. Dessa forma, configura-se como instrumento fundamental na educação. Em suas origens, a literatura infantil tinha um viés institucional e moralizante, com o objetivo de disciplinar as crianças e submetê-las à autoridade dos(as) adultos(as). Ao longo dos anos, entretanto, tem passado por transformações impulsionadas por mudanças nos contextos sociais e culturais. Atualmente, há obras literárias que abordam as questões raciais e de gênero de forma mais crítica, reconhecendo a criança como um ser potente. Contudo, ainda são observadas produções que perpetuam preconceitos raciais e de gênero, reproduzindo discursos que naturalizam essas desigualdades.

As crianças não apenas se apropriam de normas, ideias, crenças, costumes e valores presentes na sociedade e na cultura, reproduzindo-os, mas também os interpretam e recriam, em contato com diferentes grupos, atuando significativamente nos processos de transformação e produção cultural (Corsaro, 2011). De acordo com Clarice Cohn (2005, p. 35), as crianças são produtoras ativas de sentidos acerca do mundo em que vivem:

Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se

confundem nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural frente ao adulto. Essa autonomia deve ser reconhecida e também relativizada: digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural. Os sentidos que elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos.

Entretanto, ainda são observadas produções que perpetuam percepções adultocêntricas, além de preconceitos raciais e de gênero, reproduzindo discursos que naturalizam essas desigualdades.

A Lei 10.639/03 (Brasil, 2003), que altera a Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional nº 9394/96 (Brasil, 1996), tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nos currículos das escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental e Médio. Essa medida conferiu maior visibilidade à literatura africana e afro-brasileira, impulsionando a produção de obras que tratam da temática racial. No entanto, traços de estereotipia e hierarquização ainda se fazem presentes em algumas dessas produções, o que reforça a necessidade de uma análise crítica dessas representações, a fim de assegurar “O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação” (Brasil, 2010, p. 21). O trabalho com a literatura africana e afro-brasileira, ao romper com o silenciamento das tradições e saberes da população negra, possibilita às crianças a construção de vínculos com a história e culturas africanas e afro-brasileiras, elaborando representações mais positivas da(o) negra(o), “[...] o que pode vir a favorecer o empoderamento das crianças negras e a construção de suas identidades” (Silva, 2023, p. 14).

A produção literária de afrodescendentes que se reconhecem e se posicionam ideologicamente como tais pode ser definida como literatura afro-brasileira. Essa denominação diferencia as produções literárias de autores(as) negros(as) daquelas de escritores(as) brancos(as), seja em relação às manifestações culturais e às reflexões, seja acerca da construção de personagens (Duarte, s/d). Nesse sentido, não apenas se retrata a relevância dos(as) afro-brasileiros(as) na construção histórica da nação, mas também se valorizam a cultura e os conhecimentos compartilhados entre as diferentes etnias. De acordo com Eduardo de Assis Duarte (s/d), essa produção desempenha papel fundamental de conscientização sobre a influência africana em nossa comunidade, tendo como objetivo resgatar e reafirmar tradições afro-brasileiras.

Além disso, a literatura afro-brasileira busca dar visibilidade às experiências sociais, culturais e históricas dos(as) negros(as), relatando as lutas e os sofrimentos enfrentados por essa população em razão do racismo estrutural e da discriminação. Historicamente, a marginalização e a invisibilização dos(as) negros(as) têm sido sustentadas por ideologias que naturalizam a suposta superioridade dos(as) brancos(as) sobre outros grupos étnico-culturais (Rosemberg, 2005).

Do ponto de vista social, os impactos dos séculos de escravização ainda se fazem presentes, perpetuando a exclusão da população negra. Muitos(as) negros(as) continuam sendo tratados(as) de forma discriminatória e privada de plenos direitos. Nesse contexto, ao longo dos anos, movimentos sociais, especialmente o Movimento Negro, têm desempenhado papel crucial na luta pela igualdade racial e pelo enfrentamento do preconceito. A literatura africana e afro-brasileira, por sua vez, contribui significativamente para tal transformação ao oferecer representações mais

plurais e diversas da sociedade, desconstruindo estereótipos de submissão e inferioridade e promovendo imagens positivas de negros e negras.

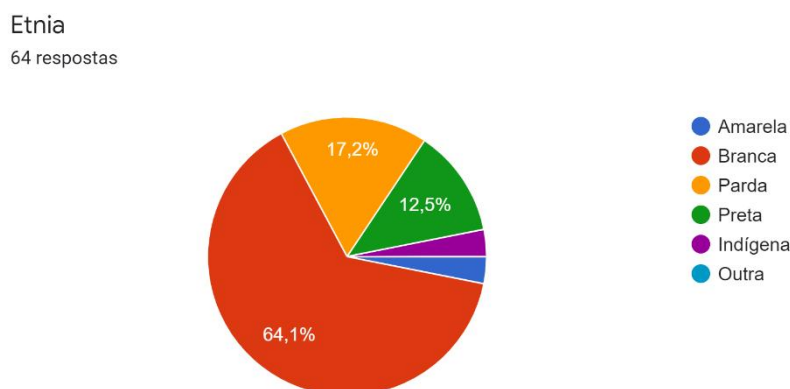
O PERCURSO METODOLÓGICO

Para responder à questão central desta investigação — “Como as meninas negras são representadas na literatura infantil africana e afro-brasileira?” —, partimos da pesquisa intitulada “A menina negra na literatura infantil afro-brasileira”, desenvolvida no âmbito do Programa de Iniciação Científica em 2022. De abordagem qualitativa e natureza exploratória, o estudo utilizou dois instrumentos metodológicos: i) levantamento dos livros de literatura afro-brasileira utilizados por professores(as) da Educação Infantil, por meio de formulário *Google Forms*; ii) análise das representações de meninas negras veiculadas nos dois livros mais trabalhados com as crianças.

A seleção das participantes foi realizada pela técnica “Bola de neve” (*snowball sampling*), na qual os(as) respondentes iniciais indicam outros(as) participantes. Desse modo, o formulário foi inicialmente encaminhado aos membros do grupo de pesquisa, que, por sua vez, o compartilharam com outros(as) docentes. O critério de inclusão considerou professoras atuantes na Educação Infantil em instituições públicas dos municípios que compõem a Região do Grande ABC Paulista: Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. A coleta de dados ocorreu entre fevereiro e meados de março de 2022.

No total, 64 docentes do sexo feminino responderam ao questionário. A maioria (62,5%) tem mais de 40 anos. Em relação à autodeclaração racial/étnica, 64,1% se identificam como brancas, 17,2% como pardas, 12,5% como pretas, 3,1% como indígenas e 3,1% como amarelas.

Figura 1 - Autodeclaração racial/étnica realizada pelas professoras participantes



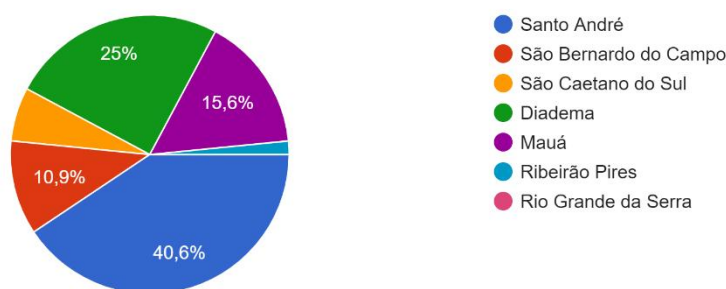
Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras.

Quanto à modalidade educacional, 53,1% atuam em creches, e 46,9% em pré-escolas. A análise do tempo de experiência revelou que apenas 14,1% têm menos de cinco anos de atuação, indicando que a maioria (85,9%) tem longa trajetória na Educação Infantil.

Figura 2 - Rede municipal em que atuam as professoras participantes

Rede municipal em que atua (com maior carga horária)

64 respostas



Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras.

A quase totalidade das respondentes (96,4%) afirmou trabalhar a literatura afro-brasileira com as crianças. Entretanto, ao analisar a frequência desse trabalho, identificou-se que apenas 28,5% utilizam essa literatura pelo menos uma vez por semana. Chama a atenção o percentual de 28,1% para a categoria “outra frequência”, o que sugere que esse tipo de literatura é trabalhado esporadicamente ou não é abordado de forma sistemática. Além disso, 3,6% das docentes afirmaram não utilizar literatura afro-brasileira em suas práticas pedagógicas.

Quando solicitadas a indicarem os dois livros de literatura afro-brasileira mais utilizados em sala de aula, as professoras mencionaram:

Quadro 1 - Levantamento dos livros mais utilizados pelas docentes

LIVROS	No. DE RESPOSTAS
Menina bonita do laço de fita	30
O cabelo de Lelê	25
Amoras	09
Meu crespo é de rainha	05
Bruna e a Galinha d'angola	04
Obax	03
O pequeno príncipe negro	03
As tranças de Bintou	02
Cada um com seu jeito, cada jeito é um!	02

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras.

Após o levantamento inicial, foram analisadas as duas obras mais frequentemente mencionadas pelas docentes: “Menina bonita do laço de fita” (Machado, 2008) e “O cabelo de Lelê” (Belém, 2012)⁷. Além desses títulos, foram citados “Amoras”, de Emicida, e “Meu crespo é de rainha”, de bell hooks, que constituem o foco da presente pesquisa.

Publicado em 2018 pela editora Companhia das Letrinhas, “Amoras” foi escrito por Emicida e ilustrado por Aldo Fabrini. Já “Meu crespo é de rainha”, originalmente lançado em 1999, é de autoria de bell hooks, com ilustrações de Chris Raschka e tradução de Nina Rizzi, tendo sido publicado no Brasil em 2018 pela editora Boitatá.

A análise dessas obras fundamentou-se em três categorias definidas a partir do referencial teórico: identidade e representatividade negra; autoestima e empoderamento infantil; e ancestralidade e cultura afro-brasileira. Na categoria “identidade e representatividade negra”, analisou-se de que maneira as narrativas promovem a valorização da identidade negra e contribuem para a construção de uma autoimagem positiva das meninas negras. Na categoria “autoestima e empoderamento infantil”, explorou-se como as obras incentivam a autoaceitação e o orgulho da aparência, especialmente em relação ao cabelo crespo e aos traços afrodescendentes. Por fim, na categoria “ancestralidade e cultura afro-brasileira”, examinou-se como os livros resgatam elementos das religiões e tradições africanas, promovendo o reconhecimento e valorização das raízes culturais.

EMICIDA E SUA OBRA “AMORAS”

O *hip hop* brasileiro teve sua origem na cidade de São Paulo, na década de 1980, tornando-se um importante movimento cultural e artístico. Foi nesse contexto que surgiram diversos artistas, entre eles Emicida, nome artístico de Leandro Roque de Oliveira, que se consolidou como uma das figuras mais proeminentes da música nacional. Sua relevância no cenário musical é tamanha, que se tornou impossível falar de música brasileira sem mencionar sua contribuição (Costa da Silva, 2022).

O nome “Emicida” resulta da fusão da sigla “MC” com o sufixo latino “-cida”, e posteriormente o próprio artista criou um acrônimo para seu nome: E.M.I.C.I.D.A. (Enquanto Minha Imaginação Compuser Insanidades Domino a Arte). Nascido em 17 de agosto de 1985, o *rapper*, cantor, escritor e compositor é reconhecido como uma das maiores revelações do *hip hop* brasileiro na década de 2000. Filho de Jacira Roque de Oliveira e Miguel de Oliveira, iniciou sua trajetória artística improvisando rimas em batalhas de *Freestyle* em sua comunidade (Costa da Silva, 2022).

Como artista, alcançou grande projeção em 2015 com o lançamento do álbum: “Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa”, que lhe rendeu uma indicação ao Grammy Latino na categoria de melhor álbum de música urbana. Em 2019, lançou o “Projeto Amarelo”, um

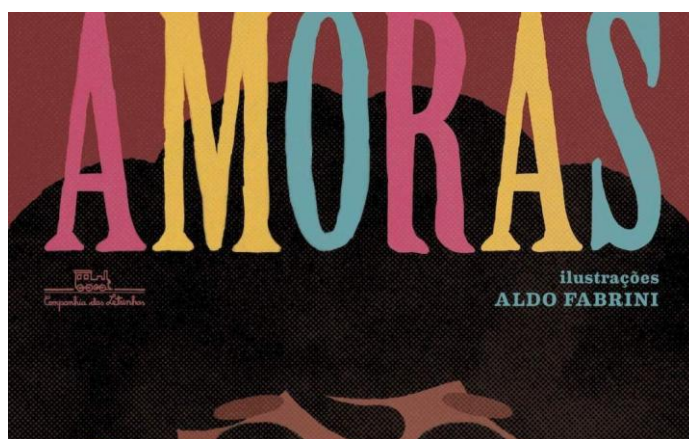
⁷A análise dessas duas obras pode ser conferida em Silva (2023).

trabalho multimídia composto por um álbum homônimo, um *podcast* e um documentário disponibilizado na plataforma de *streaming* Netflix (Costa da Silva, 2022).

No campo literário, Emicida estreou como escritor com o livro “Amoras”, inspirado na canção de mesmo nome, composta para Estela, sua filha. Em entrevista para o *site* “Lunetas” o autor revelou que a obra surgiu a partir de um diálogo que teve com a garota, enquanto estavam sob uma amoreira, momento em que ambos se identificaram com as frutas (Penzani, 2018a). O livro, ilustrado por Aldo Fabrini, foi publicado em 2018 pela editora Companhia das Letrinhas.

A narrativa se inicia com a seguinte passagem: “Não há melhor palco para um pensamento que dança do que o lado de dentro da cabeça das crianças” (Emicida, 2018, s/p). Esse trecho evidencia a força e a potência da obra no estabelecimento de um diálogo sensível e significativo com as crianças.

Figura 3 - Capa do livro “Amoras” do *rapper* Emicida



Fonte: Emicida (2018).

BELL HOOKS E SUA OBRA “MEU CRESPO É DE RAINHA”

Gloria Jean Watkins foi escritora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista. Mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, adotou esse nome em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks. A autora insistiu para que o seu pseudônimo fosse sempre grafado em letras minúsculas, pois desejava que a atenção se voltasse para a essência de seus escritos, e não para sua pessoa (Penzani, 2018b).

Nascida em 25 de setembro de 1952, na cidade de Hopkinsville, no sul dos Estados Unidos, era filha de Veodis Watkins e Rosa Bell Watkins. Cresceu em uma família de classe trabalhadora, junto a seus cinco irmãos e irmãs. Essa vivência influenciou profundamente sua produção intelectual, uma vez que suas obras frequentemente incorporam elementos de sua experiência pessoal, como a vizinhança e a escola, evidenciando as múltiplas formas de opressão e dominação estruturais (Breda, 2019).

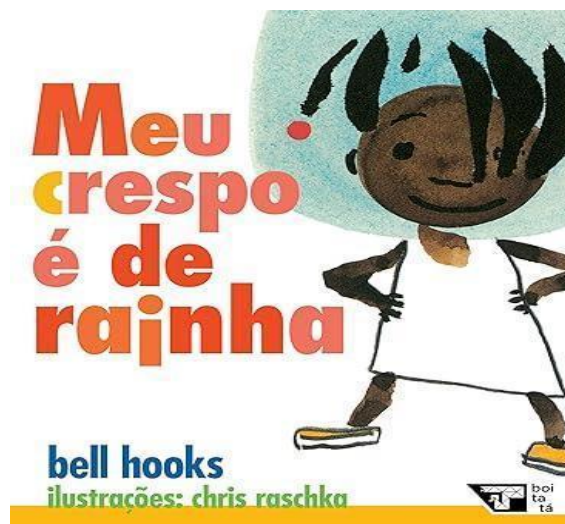
Aos 17 anos, foi admitida com bolsa na Universidade de Stanford, onde cursou sua graduação. Posteriormente obteve o título de mestre pela Universidade de Wisconsin e o de

doutora pela Universidade da Califórnia. Durante esse período, começou a escrever o livro que marcaria sua trajetória acadêmica e militante: “*Ain’t I a Woman?*” (“Eu não sou uma mulher?”), publicado em 1981. Seu trabalho recebeu reconhecimento internacional, e ela foi premiada com o *American Book Award*, um dos prêmios literários mais prestigiosos dos Estados Unidos. Entre suas principais influências e inspirações estão Martin Luther King, Malcom X, Eric Fromm e o educador brasileiro Paulo Freire, cujas teorias pedagógicas dialogam diretamente com sua visão de transformação social por meio do conhecimento e da conscientização crítica (Almeida, s/d).

bell hooks faleceu em 15 de dezembro de 2021, aos 69 anos, deixando um legado revolucionário, que continua a inspirar jovens, educadores(as), pesquisadores(as) e ativistas em todo o mundo.

No campo da literatura infantil, seu livro “Meu crespo é de rainha”, ilustrado por Chris Raschka e traduzido por Nina Rizzi, foi publicado originalmente em 1999 e lançado no Brasil em 2018 pela editora Boitatá. A obra surgiu como resposta ao impacto negativo causado pelo livro *Nappy Hair* (Cabelo ruim), lido por uma professora em sala de aula. Em resposta às reações de indignação geradas pela obra, hooks escreveu *Happy to Be Nappy* (Feliz por ter cabelo crespo), título que, na tradução brasileira, foi adaptado para “Meu crespo é de rainha”. A proposta do livro é incentivar crianças negras a se orgulharem de seus cabelos naturais, desafiando os estereótipos racistas que historicamente associam o cabelo crespo à sujeira e à feiura. Assim, a obra reflete uma das principais lutas da autora: a valorização da identidade negra e a desconstrução dos padrões eurocêntricos de beleza (Penzani, 2018b).

Figura 4 - Capa do livro “Meu crespo é de rainha”



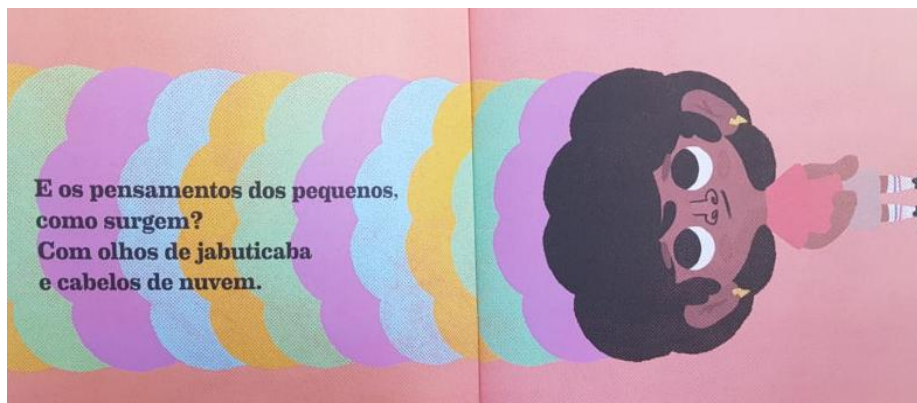
Fonte: hooks (2018).

MENINAS NEGRAS EM “AMORAS” E “MEU CRESPO É DE RAINHA”

O livro infantil “Amoras” destaca-se por abordar temas essenciais, como a valorização da cultura afro-brasileira, a representatividade da menina negra, a construção da autoestima e a conexão com a ancestralidade, de maneira acessível ao público infantil. A narrativa desenvolve-

se a partir de um diálogo entre o *rapper* Emicida e sua filha Estela, que, como já dito, inspirou a obra. Na história, pai e filha observam amoras em um pomar e, de forma simbólica, a menina identifica-se com as frutas, estabelecendo uma relação afetiva e identitária com sua própria negritude.

Figura 5 - Página do livro “Amoras”



Fonte: Emicida (2018).

Além disso, o livro apresenta referências a diferentes religiões de matriz africana, bem como a personagens importantes para a comunidade negra. Entre elas, destacam-se:

- **Obatalá:** divindade importante nas religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda, é conhecido como o orixá da criação, da sabedoria e da justiça. Associado à pureza, à paz e ao equilíbrio, é frequentemente representado como uma figura de grande respeito e autoridade (Fundamentos do Axé, s/d).
- **Ala:** é uma divindade pertencente à cosmologia Igbo, originária da África Ocidental, precisamente da região correspondente à Nigéria. Reverenciada como deusa da terra e da fertilidade, é associada ao crescimento das plantas e à prosperidade da terra, sendo uma figura central nas práticas religiosas desse povo (Shen, 2020).

Desde as primeiras páginas da obra, Emicida enfatiza a pureza e a inocência das crianças, estabelecendo uma analogia entre elas e as divindades, o que reforça a valorização de suas origens e da espiritualidade ancestral.

Figura 6 - Imagem representativa do livro “Amoras”

**Pode olhar, lá tudo é
puro e profundo que
nem Obatalá, o orixá
que criou o mundo.**



Fonte: Emicida (2018).

As religiões afro-brasileiras, caracterizadas pela celebração de rituais, cultos e práticas, fundamentadas em uma hierarquia iniciática, estabelecem regras para o convívio do grupo e a ordenação do culto aos orixás e aos ancestrais. Essas tradições não apenas reforçam, mas também recriam a identidade étnico-cultural por meio do parentesco espiritual, ao mesmo tempo que mantêm e ressignificam a memória religiosa africana no Brasil (Barbosa, 1999 *apud* Santos, 2014). Conforme esclarece Irinéia Maria Franco dos Santos (2014, p. 84):

Por religiosidades afro-brasileiras entende-se o espalhamento da “visão de mundo” (ideologia) e identidade religiosa afro-brasileira em práticas e comportamentos não somente rituais, mas também culturais em sentido estrito, como os de convívio comunitário, lúdicos e artísticos que mantêm diálogo e reforço criativo espiritual com a religião coletiva.

Dessa forma, ao resgatar elementos e personalidades característicos das religiões africanas e afro-brasileiras, Emicida contribui para o processo de reconhecimento, valorização e resistência das ancestralidades e identidades negras, oferecendo às crianças a oportunidade de se identificarem com tais aspectos e investigarem positivamente as culturas africanas e afro-brasileiras que, por décadas, foram retratadas de maneira caricatural, estereotipada e inferiorizada nas produções literárias. Além de abordar a religiosidade, o autor busca exaltar a aparência da filha, enaltecendo seus traços afrodescendentes, como o cabelo e a pele, frequentemente fazendo analogias entre suas características e a fruta amora. Ele evidencia que, apesar de viverem em uma sociedade machista, racista e adultocêntrica como a brasileira, as meninas negras devem sempre se orgulhar de suas características naturais.

Como observou Nilma Lino Gomes (2008, p. 2), o cabelo e o corpo são concebidos a partir da cultura, logo, o cabelo e o corpo negro podem ser compreendidos como expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil, transcendendo os limites da marcação biológica. Segundo a autora, “[...] juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra”.

Cristiane Costa da Silva (2022), em pesquisa de mestrado intitulada “Amoras de Emicida, a Cor de Coraline de Rampazo e a Formação de Docentes: Considerações para a Luta Antirracista”,

investigou como a literatura infantil pode contribuir para a formação de professores(as), especialmente no que se refere ao protagonismo negro. Assumindo a escola como importante espaço para a construção da identidade negra, a atuação docente pode ser decisiva na rejeição, aceitação ou resignificação do ser negro(a) (Gomes, 2003). Destarte, o estudo destaca duas obras literárias — “Amoras”, de Emicida (2018), e “A cor de Coraline”, de Alexandre Rampazo (2017), — e analisa a importância da temática étnico-racial na formação dos(as) professores(as). Tais livros são fundamentais para a autoestima da criança negra, em especial da menina negra.

Figura 7 - Página do livro “Amoras”



Fonte: Emicida (2018).

Por meio de uma narrativa simples, sensível e ritmada, Emicida demonstra uma paternidade que, ao mesmo tempo que ensina, também aprende. O *rapper* expressa essa dinâmica ao escrever: “Me esforço para ensinar, mas foi com eles que aprendi” (Emicida, 2018, s/p), o que evidencia sua admiração pelas crianças e sua inspiração nelas. Essa frase revela que, apesar de sua posição como educador ou mentor, ele não enxerga a relação como unidirecional, mas como um compartilhar mútuo e enriquecedor. Ademais, reconhece a criança como sujeito ativo e potente, que constantemente interage com o mundo e o interpreta, produzindo “padrões culturais” (Sarmento, 2005, p. 25).

Figura 8 - Ilustração do livro “Amoras”

**Vão espalhando toda
a beleza por aí.
Me esforço para
ensinar, mas foi com
eles que aprendi.**



Fonte: Emicida (2018).

De modo geral, no livro “Amoras”, Emicida apresenta as meninas negras de maneira extremamente respeitosa e empática. O *rapper* aborda questões centrais como identidade, autoaceitação, beleza negra e empoderamento feminino com uma sensibilidade única. Ele celebra a força e a beleza inerentes às histórias e raízes das meninas negras, enfatizando a importância de romper com os padrões de beleza impostos pela sociedade, promovendo o reconhecimento da beleza negra como valor fundamental e genuíno.

O autor ressalta que a beleza e o valor das meninas negras estão intimamente ligados às suas identidades culturais e históricas, e as posiciona como protagonistas de suas próprias narrativas. Ao retratar e valorizar a diversidade de experiências dessas meninas, Emicida sublinha suas lutas e vitórias individuais, inseridas em um contexto social mais amplo. A obra, ao mesmo tempo que celebra, também se torna uma crítica, refletindo sobre as complexidades e os desafios que essas meninas enfrentam na sociedade contemporânea.

Por sua vez, o livro “Meu crespo é de rainha” contempla a beleza e a dignidade do cabelo crespo, com foco particular nas meninas negras. A obra promove a autoaceitação e o orgulho em relação a uma característica frequentemente marginalizada pela sociedade, instigando a valorização da identidade e da autoestima das leitoras.

Figura 9 - Página do livro “Meu crespo é de rainha”



Fonte: hooks (2018).

Além de valorizar o cabelo crespo, a obra exalta outros tipos de cabelo e penteados, sempre defendendo a diversidade. A frase “Meu crespo é de rainha” carrega um poderoso simbolismo, associando o cabelo das meninas negras a uma majestade. Tal expressão reflete o empoderamento e a celebração da identidade negra, bem como a valorização da beleza natural dos cabelos cacheados e crespos, desafiando as normas estéticas eurocêtricas que historicamente marginalizaram essas características.

Aline Cesar Carvalho (2020), na pesquisa de mestrado “Princesas, guerreiras e revolucionárias: repensando padrões de gênero e discutindo identidades por meio da literatura infanto-juvenil” discute como a literatura infanto-juvenil brasileira moderna tem tratado o protagonismo feminino de uma maneira que desafia os estereótipos. “Meu crespo é de rainha” figura entre as obras literárias analisadas pela pesquisadora, sendo um exemplo de abordagem que rompe com os estereótipos físicos e comportamentais comumente associados às mulheres, contribuindo para uma visão mais inclusiva e empoderada das meninas negras e suas identidades.

É importante ressaltar que essa não é a única obra de bell hooks a tratar da temática. Em livros como “*The Will to Change: Men, Masculinity, and Love*” (2004) e “*Outlaw Culture: Resisting Representations*” (1994), hooks explora a importância da autoestima e do empoderamento não apenas para meninas negras, mas também para mulheres negras em geral. A autora oferece uma análise crítica das pressões sociais e culturais, além de fornecer ferramentas para que essas mulheres construam uma autoimagem positiva.

Figura 10 - Ilustração do livro “Meu crespo é de rainha”

Fonte: hooks (2018).

Contra os estereótipos e os preconceitos presentes na sociedade e na literatura infantil, a obra se configura como instrumento de conscientização, com o objetivo de reduzir o preconceito nas creches e pré-escolas. Em suas páginas, a representação da menina negra, frequentemente associada a imagens racistas e machistas, é transformada em um discurso que propõe a naturalização das relações raciais e de gênero. Assim, a autora apresenta uma visão positiva das meninas negras e de seus cabelos, encorajando-as a não se deixarem abalar pelos comentários preconceituosos e negativos muitas vezes proferidos em meio a uma sociedade estruturalmente e ideologicamente racista.

Figura 11 - Página do livro “Meu crespo é de rainha”

Fonte: hooks (2018).

A obra não se limita a uma simples representação do cabelo da menina negra; por meio de elementos históricos, bell hooks transmite uma mensagem poderosa, utilizando o livro como ferramenta educativa. Ela introduz conceitos relacionados à diversidade, à inclusão e à autoestima desde a infância, contribuindo para a construção de uma sociedade mais consciente e respeitosa com as diferenças.

“Meu crespo é de rainha” contém uma variedade de personagens de ascendência africana, com diferentes texturas de cabelo, refletindo a pluralidade presente na comunidade negra, sempre retratadas de maneira positiva e confiante. Essa representação é essencial para validar e promover todos os aspectos da identidade negra. A incorporação de características e histórias culturais diversas oferece às crianças negras uma imagem mais abrangente de sua identidade, o que fortalece seu orgulho e, por conseguinte, o desenvolvimento de uma autoimagem positiva. Ao perceberem suas próprias características refletidas e celebradas na e pela literatura, desenvolvem um forte senso de identidade.

Assim, reforça-se a afirmação positiva e necessária da beleza e do valor das comunidades africanas e afro-brasileiras, inspirando as crianças negras a se amarem e se orgulharem de quem são, independentemente de expectativas, padrões ou estereótipos perversamente impostos pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as páginas de “Amoras”, de Emicida, e de “Meu Crespo é de Rainha”, de bell hooks, somos confrontados com dois universos literários que, embora distintos em estilo, se entrelaçam no compromisso ético de celebrar e afirmar a identidade negra e feminina, bem como a potência das crianças. Essas obras não apenas nos convidam a refletir sobre a riqueza e complexidade das experiências negras, mas também oferecem ferramentas valiosas para a autoaceitação identitária e a superação de preconceitos.

“Amoras”, de Emicida, representa uma jornada interior, na qual o *rapper* compartilha de forma brilhante um momento delicado com o seu público. A obra funciona como guia para explorar a identidade e as raízes negras, por meio das emoções e palavras que instigam a reflexão sobre as batalhas cotidianas. Os temas abordados, como ancestralidade e autorrealização, tocam profundamente as crianças, os(as) jovens e todos(as) aqueles(as) que buscam um maior entendimento de si mesmos(as) e de sua comunidade. Essa conexão emocional e temática evidencia a relevância da obra no contexto contemporâneo.

“Meu crespo é de rainha”, de bell hooks, destaca-se por sua mensagem de empoderamento e amor. Por meio de uma narrativa vibrante e positiva, a obra busca enraizar na mentalidade dos(as) jovens leitores(as), desde cedo, a compreensão de que têm características e qualidades especiais. A autora utiliza suas obras como veículos de empoderamento e amorosidade, apresentando histórias inspiradoras que desafiam estereótipos e ensinam o valor da autoestima e da identidade cultural. Desse modo, revela às crianças negras que elas podem se imaginar como verdadeiras rainhas, apreciando cada aspecto de sua aparência e herança cultural. Tal abordagem contribui para a formação de uma autoimagem positiva, essencial para o desenvolvimento da identidade infantil.

Os achados advindos dessas obras ressaltam a necessidade de investir continuamente em representações literárias que abordem a identidade e a diversidade étnico-racial de maneira respeitosa e significativa. Futuras pesquisas poderiam ser conduzidas a fim de examinar como outras narrativas contribuem para uma compreensão mais ampla e inclusiva das histórias e experiências negras. Seria igualmente interessante investigar como essas produções são recebidas em diferentes contextos e o impacto causado em leitores(as) de cenários culturais e socioeconômicos diversos.

Em suma, “Amoras” e “Meu Crespo é de Rainha” não são meros livros; são celebrações da identidade e da pluralidade que inspiram e contribuem para a construção de um mundo no qual crianças, homens e mulheres possam se sentir verdadeiramente valorizados(as) e amados(as).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mariléia de. bell hooks. **Enciclopédia Mulheres na Filosofia!** Unicamp.br, s/d. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê**. 1. ed. São Paulo: IBEP, 2012. 32p.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. Racialidade e produção do conhecimento. In: SEYFERTH *et al.* **Racismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: ABONG, Ação Educativa, ANPED, 2002, p. 45-52.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 3/2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 mai. 2004.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional, 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.
- BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BREDA, Tadeu. Quem é bell hooks? **Editora Elefante**, 2019. Disponível em: https://editoraelefante.com.br/quem-e-bell-hooks/?srsltid=AfmBOorrJNQNrxxePNY6hi63_Lnk9W8u2xWmGy90jtYLCVBQ2ZF0moRk. Acesso em: 12 abr. 2025.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. 201 p.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CARVALHO, Aline. **Princesas, guerreiras e revolucionárias**: repensando padrões de gênero e discutindo identidades por meio da literatura infanto juvenil. 2020. 132f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37446>. Acesso em: 12 abr. 2025.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. 1. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. 60 p.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 384 p.

COSTA DA SILVA, Cristiane. **Amoras de Emicida, a Cor de Coraline de Rampazo e a Formação de Docentes**: Considerações para a Luta Antirracista. 2022. 149f. Mestrado (Literatura Comparada) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/items/eb92dfb2-fc8c-4fb3-87ed-d7d6053ef5ac/full>. Acesso em: 12 abr. 2025.

DEBUS, Eliane. A representação do negro na literatura para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade? *In*: **Imaginário, identidades e margens**: estudos em torno da literatura infanto-juvenil. 1. ed. Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2007, p. 262-269.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. 1. ed. São Paulo: Cortez / Centro de Ciências da Educação, 2018. 112 p.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira - Literatura Afro-Brasileira. **Literafro**, s/d. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 12 abr. 2025.

EMICIDA (Leandro Roque de Oliveira). **Amoras**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018. 44 p.

EXPLORANDO Obatalá: O Pai dos Orixás na Mitologia Yorubá. **Fundamentos do Axé**, s/d. Disponível em: <https://fundamentosdoaxe.com.br/obatala/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 420 p.

hooks, bell. **Meu crespo é de rainha**. 1. ed. São Paulo: Boitatá, 2018. 32 p.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2008. 24 p.

PENZANI, Renata. Emicida lança livro infantil “Amoras”, sobre representatividade e negritude. **Portal Lunetas**, 2018a. Disponível em: <https://lunetas.com.br/emicida-lanca-livro-infantil/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

PENZANI, Renata. Livro infantil “Meu crespo é de rainha” celebra o cabelo afro. **Portal Lunetas**, 2018b. Disponível em: <https://lunetas.com.br/meu-crespo-e-de-rainha/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

REIS, Darianny Araújo dos. Currículo intercultural crítico na escola: Formação que produz diferenças. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 50, p. 135-150, jul. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/29154>. Acesso em: 25 jan. 2025.

ROSEMBERG, Fúlvia. Childhood and social inequality in Brazil. In: PENN, Helen (ed.). **Unequal childhoods: children’s lives in the south**. 1. ed. London: Routledge, 2005, p. 142-170.

SANTOS, Cleia Souza. **A literatura afro-brasileira na creche municipal de São Paulo**. 2019. 163f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uscs.edu.br/server/api/core/bitstreams/a7befcaf-ea8a-4d3f-ba73-8597dca575b5/content>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SANTOS, Irineia Maria Franco dos. “De quilombos e de xangôs”: Cultura, religião e religiosidade afrobrasileira em Alagoas (1870-1911). **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 15, n. 34, p. 83–121, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/5418/0>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania activa – refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 17-40, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9857>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SEVERINO, Antônio José. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 260 p.

SHEN, Ann. **Divinas Mulheres**. 1. ed. São Paulo: Darkside Books, 2020. 128 p.

SILVA, Marta Regina Paulo da. Literatura afro-brasileira na Educação Infantil: desafios à formação docente. **Educ. Form.**, Fortaleza, v. 8, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/10060>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SOUZA, Edmacy Quirina de. **Crianças negras em escolas de “alma branca”**: um estudo sobre a diferença étnico-racial na educação infantil. 2016. 245f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/623328110/Tese-criancas-negras-em-escolas-de-alma-branca>. Acesso em: 12 abr. 2025.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos (Org.). **Mulher e Literatura:** história, gênero e sexualidade. 1. ed. Caxias do Sul: Educs, 2010. 264 p.

Recebido em: 12 de maio de 2025

Aprovado em: 08 de dezembro de 2025